

## A ARTE E A PANDEMIA DE COVID-19: O QUE ESTÁ LATENTE NO SER SOCIAL?<sup>1</sup>

*Adele Cristina Braga Araujo\**, *Jackline Rabelo\*\**  
*Francisca Maurilene do Carmo\*\*\**

### RESUMO

O artigo tem como objetivo evidenciar especificamente o aspecto formativo dos sentidos humanos que se estabelece, através da arte, neste momento de pandemia. O estudo se estrutura a partir da pesquisa teórico-bibliográfica, de modo a esboçar o contexto histórico vivenciado, considerando o debate de como o complexo da arte, por meio de algumas expressões artísticas produzidas ao longo da história, além de outras manifestações artísticas, apresenta-se diante do isolamento social causado por um vírus. Como resultado da discussão, compreende-se que essa tragédia sanitária é potencializada, em larga medida, por um sistema que prioriza a lucratividade do capitalismo em detrimento do movimento de objetivação das potencialidades humanas.

**Palavras-chave:** Educação estética. Ser social. Covid-19.

### THE ART AND THE PANDEMIC OF COVID-19: WHAT IS LATENT IN THE SOCIAL BEING?

### ABSTRACT

*The article mainly aims at highlighting the formative aspect of the human senses that is established, through art, during the ongoing pandemic. The study is a theoretical-bibliographic research which outlines the current historical context in face of the social isolation caused by a virus. The debate over how the art complex is regarded, via some artistic expressions produced throughout history and other*

<sup>1</sup> Este artigo é resultado dos estudos sistematizados na tese intitulada Gênese e função social da arte e os desdobramentos no processo formativo-educativo: uma análise fundamentada na estética lukacsiana, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará em 2020.

\* Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). ORCID: 0000-0002-0386-4053. Correio eletrônico: adele.araujo@ifce.edu.br

\*\* Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Faculdade de Educação da UFC. ORCID: 0000-0002-4933-631X. Correio eletrônico: jacklinerabelo@ufc.br

\*\*\* Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Faculdade de Educação da UFC. ORCID: 0000-0003-0635-040X. Correio eletrônico: fmcmaura@ufc.br

*artistic manifestations, is presented. As a result of the discussion, it is understood that this health tragedy is enhanced, to a large extent, by a system that prioritizes the profitability of capitalism to the detriment of the movement of objectivation of human potentialities.*

**Keywords:** *Aesthetic education. Social being. Covid-19.*

## EL ARTE Y LA PANDEMIA DEL COVID-19: ¿QUÉ HAY LATENTE EN EL SER SOCIAL?

### RESUMEN

*El artículo pretende destacar específicamente el aspecto formativo de los sentidos humanos que se establece, a través del arte, en este momento de pandemia. El estudio se estructura a partir de la investigación teórico y bibliográfica, con el fin de perfilar el contexto histórico vivido, considerando el debate sobre cómo el complejo del arte, a través de algunas expresiones artísticas se produce a lo largo de la historia y, además, otras manifestaciones artísticas que se presentan, ante el aislamiento social provocado por un virus. Como resultado de la discusión, se comprende que esta tragedia sanitaria se potencializa, en gran medida, por un sistema que prioriza la rentabilidad del capitalismo sobre el movimiento para objetivar el potencial humano.*

**Palabras clave:** Educación estética. El ser social. Covid-19.

### 1 A ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA NO CONTEXTO DE UMA CRISE DE ORDEM ESTRUTURAL: A NECESSIDADE HISTÓRICA DE TRANSPOR A SOCIEDADE CINDIDA EM CLASSES

O complexo da arte no contexto da pandemia reverbera no cotidiano dos indivíduos. Em um momento de tragédia socioambiental, a função social das expressões humanas também forma os sentidos humanos. Entendemos que, mesmo sob uma crise sanitária global que atinge a humanidade provocando um isolamento social, conseguimos alçar momentos mais propriamente humanos através da arte, ainda que não se alcance a totalidade humana. Desse modo, julgamos necessário expor, considerando a memória e a história, o que está imerso em um cotidiano tão difícil e embrutecedor. Apresentamos este texto sobre arte e pandemia por considerar importante discutir também sobre a função social da arte e seus rebatimentos na formação-educativa da humanidade.

Bem, no início do século XXI, Mészáros, na obra *Para além do capital*, já denunciava que, no final do século XX, a esfera biológica era desprezada pelos seres sociais. A natureza vem dando respostas a essa desconsideração humana.

Há dez anos a ecologia podia ser tranquilamente ignorada ou desqualificada como totalmente irrelevante. Atualmente, ela é obrigada a ser

grotescamente desfigurada e exagerada unilateralmente para que as pessoas - suficientemente impressionadas com o tom cataclísmico dos sermões ecológicos - possam ser, com sucesso, desviadas dos candentes problemas sociais e políticos. (MÉSZÁROS, 2011, p. 987).

O autor assevera que, ainda na primeira metade do século XIX, Marx e Engels também já indiciavam, na obra *Ideologia alemã*, uma crítica a Feuerbach, ao entendê-lo como um idealista sobre a relação do ser social e da natureza. Atentemos para o seguinte:

Por isso Feuerbach, em tais casos, nunca fala do mundo humano, mas sempre se refugia na natureza externa e, mais ainda, na natureza ainda não dominada pelos homens. Mas cada nova invenção, cada avanço feito pela indústria, arranca um novo pedaço desse terreno, de modo que o solo que produz os exemplos de tais proposições feuerbachianas restringe-se progressivamente. A “essência” do peixe é o seu “ser”, a água - para tomar apenas uma de suas proposições. A “essência” do peixe de rio é a água de um rio. Mas esta última deixa de ser a “essência” do peixe quando deixa de ser um meio de existência adequado ao peixe, tão logo o rio seja usado para servir à indústria, tão logo seja poluído por corantes e outros detritos e seja navegado por navios a vapor, ou tão logo suas águas sejam desviadas para canais onde simples drenagens podem privar o peixe de seu meio de existência. (MARX; ENGELS, 2011, p. 46-47).

É indispensável, nessa conjuntura, considerarmos a sistematização teórica de Marx e Engels, bem como a de Mészáros. Diante dos elementos de produção destrutiva, em especial, da destruição dos recursos da natureza ambiental - causa social da produção do novo coronavírus e de muitos outros vírus que poderão se manifestar, oriundos da natureza (biológica) -, situamos, em linhas gerais, a expressão da crise estrutural do capital, a qual atinge universalmente todos os complexos sociais, inclusive a arte.

Nessa perspectiva, Mészáros (2011) apresenta como se estrutura uma crise econômica no capitalismo. A crise, de ordem estrutural, difere de outras, uma vez que apresenta uma novidade histórica que pode ser entendida em quatro aspectos principais, quais sejam:

[...] (1) seu caráter é universal, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.); (2) seu alcance é verdadeiramente global (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado); (3) sua escala de tempo é extensa, contínua, se preferir, permanente, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital; (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na “administração

da crise” e no “deslocamento” mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia. (MÉSZÁROS, 2011, p. 795-796).

Considerando esse exame de Mézáros, podemos adiantar que vivemos esse momento histórico que faz com que os seres sociais, minimamente prudentes, questionem-se sobre a relação da natureza biológica e da natureza social. A história vai expor o modo como reagiremos a toda essa exposição.

A função social da História é lembrar o que os outros esquecem, já que a memória é mais próxima do esquecimento. Na obra *Era dos extremos*, Hobsbawm (1995, p. 15) assevera que a “[...] tarefa principal do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade.” Ora, quando se vive determinado período de alguma efervescência no campo social, econômico, político, cultural, etc., o ser social costuma apresentar seus juízos mais veementes, e isso dificultará certamente o entendimento real do estado das coisas. A cômoda vivência histórica – pois, apesar de habitarmos o mesmo planeta e sermos da mesma espécie, vivemos em condições diferenciadas<sup>2</sup> – também trará o impedimento da compreensão do real. Todavia, a própria materialidade cotidiana ecoará aos quatro ventos a experiência vivida e, *post festum*, poderemos alcançar a legítima apreensão da história, registrada e documentada.

Passar por uma experiência de uma pandemia, quando se tem minimamente uma noção da realidade, é sentir medo. Nesse momento, temos a história e a memória<sup>3</sup> caminhando juntas numa guerra, uma vez que estamos no olho do furacão. Há uma relação dialética que abarca ambas, como elucida Ribeiro (2019, p. 69):

Essa dialética do tempo move a história e as memórias nesse estranho e complexo movimento para adiante entre os momentos breves, cotidianos (ações humanas) e a longa história coletiva (uma guerra mundial) que, muito bem amarrados em laços invisíveis, vão compondo o movimento no tempo dos homens em suas complexas relações – nem sempre para melhorias evolutivas.

Tudo ainda é incerto, estranho, e sentimentos de toda ordem tomam conta de nós, um misto de ansiedade e nostalgia, na torcida para que a Ciência encontre os meios para nos trazer a saúde de volta<sup>4</sup>. Mas que tipo de saúde tínhamos antes? Física, mental, espiritual? Éramos mais propriamente humanos? Convidamos os

<sup>2</sup> No texto *O homem e a cultura*, Leontiev (1978) questiona se um ente inteligente de outra materialidade visitasse a Terra e precisasse descrever nossas habilidades, comportamentos e qualidades dos seres humanos nas diferentes classes sociais provavelmente não diria se tratar da mesma espécie de indivíduos que vivem e sobrevivem em condições extremamente diferenciadas.

<sup>3</sup> A História necessita do registro, e precisam ser comprovados, com precisão, os acontecimentos, sem a contaminação de elementos parciais que não dialogam completamente com o real. A memória acompanhava com maestria a humanidade, quando esta não dominava a escrita, mas já apresentava formas de comunicação, conforme destaca Ribeiro (2019, p. 59): “[...] estão pintadas nas paredes das cavernas batalhas memoráveis, a maior parte delas caçadas em confrontos épicos entre homens e animais.” Na atualidade, a memória carrega aquilo, como expõe o autor, “[...] que se passou há pouco tempo e que ainda se reconstitui e se constrói em movimento.” (RIBEIRO, 2019, p. 68), considerando que hoje a memória do ser humano ganha uma extensão em aparelhos digitais (para ficarmos em um exemplo: quem memoriza os números de telefone hoje?).

<sup>4</sup> Vale ressaltar que já foram desenvolvidas e testadas algumas vacinas, com aplicação em vários países. No entanto, no Brasil, a vacina está sendo destinada a uma pequena parcela da sociedade em ritmo lento e mortal, o que denuncia a falta de uma política de saúde coordenada e séria de controle da pandemia. Em 19 de junho de 2021, o Brasil contabilizou a triste marca de 500 mil mortes. É lamentável termos vacinas para essa doença e, ainda assim, registrarmos tantas mortes diariamente, o que provoca mais dor e indignação das famílias enlutadas.

leitores a pensar um pouco sobre essa realidade advinda. Há avanço na sociedade humana com o passar do tempo? Para Ribeiro (2010), quando se atrela a noção de progresso à história de modo linear, a tendência é confiar em que a humanidade marcha para dias benévolos. Nesse sentido, para o professor: “[...] aquela promessa moderna de progresso, liberdade e emancipação não se concretizou. O que prevalece é uma instabilidade permanente.” (RIBEIRO, 2010, p. 122) E, portanto, é imprescindível “[...] uma nova concepção de tempo onde se complementem a permanência e a mudança, onde os acontecimentos do cotidiano se relacionem de forma intensa, complexa e complementar com as transformações de longa duração.” (RIBEIRO, 2010, p. 122). O autor recorre à arte (música e literatura) para elucidar uma nova posição perante o tempo.

Isso nos fez buscar a arte em nossa memória e, assim, conectarmos períodos históricos. Certa vez, ao nos depararmos com a pintura *O triunfo da morte* (FIGURA 1), do pintor e escultor holandês Pieter Bruegel, o Velho, a primeira impressão foi de impacto, pois é difícil “digerir” tanta informação em poucos instantes. Mas logo nos veio à memória a peste bubônica, que dizimou boa parte da população no período medieval. A morte triunfa literalmente no centro da tela, em seu cavalo franzino, empunhando sua foice. São corpos amontoados, outros já em forma de ossos que deslizam e definham no quadro todo. Impossível não lembrar nossa realidade atual, na qual vimos jornais trazerem à tona enterros em covas coletivas superlotadas em Manaus (AM); corpos abandonados nas ruas do Equador, devido ao colapso do sistema funerário, etc. Nessa situação apresentada, obviamente, a morte bate à porta de todos. Na tela, vemos o rei e sua pompa (coroa, manto e cetro imperial) e a morte anunciando com uma ampulheta que seu tempo na Terra está findando. No período histórico atual, vemos autoridades desdenhando de um vírus pouco conhecido pela ciência e indo parar na UTI de um hospital<sup>5</sup>. E, diante disso, mesmo que o vírus ignore classes sociais, sabemos qual é a ordem prioritária do cuidado à saúde.

Figura 1 – Pintura “O triunfo da morte” (1562-1563)



Fonte: Museu do Prado (2020).

<sup>5</sup> Podemos conferir nessa matéria, editada em 6 de abril de 2020, por João Paulo Charleaux, o percurso do primeiro ministro do Reino Unido, Boris Johnson. O texto cita outros depoimentos de outras “autoridades” a respeito do tema (CHARLEAUX, 2020).

Destarte, destacamos o canto inferior do quadro apresentado, onde há um casal: o homem, com um alaúde e uma flauta ao lado, parece buscar algum conforto no meio da desordem; a mulher transmite um ar mais sereno, segurando um livro, uma partitura talvez, enquanto a morte musicalmente os ronda. Ao que nos parece, a arte é um bom recurso para fugir de todo o caos formado na tela do “velho” Bruegel, e, hoje, a impressão é a mesma. A arte semelha triunfar, não como uma salvadora, mas como um espaço constante de vida.

Pieter Bruegel transpõe a barreira temporal. Podemos fazer uma analogia com o que foi retratado no século XVI - ainda que o pintor não tenha pretendido pintar a pandemia do século XIV - com a nossa realidade do século XXI. As dificuldades causadas por uma pandemia atingem jovens e velhos. Neste momento, passamos de 187 milhões de casos no mundo<sup>6</sup>. Só no Brasil esse número passa de 19 milhões, e o estado do Ceará carrega a marca de mais de 900 mil casos confirmados. Passamos de 4 milhões de mortes causadas pela covid-19 no mundo. Entretanto, é necessário destacar que, ainda que esses números sejam assustadores, temos um problema de escala ainda maior, que se arrasta por séculos: a fome. Dados de 2019, do Programa Mundial de Alimentos da ONU (2019), atestam que “[...] 821 milhões de pessoas - mais de 1 de cada 9 habitantes do planeta - não têm o suficiente para comer.” Assim, é biológica e humanamente muito difícil produzir ou fruir arte, como a máxima de Marx (2004), que para grande parte da população mundial não tem valor o mais belo espetáculo.

Descrever os números não alcança as perdas. Grandes nomes das artes perderam suas vidas na luta contra o vírus, para citar alguns deles: o artista plástico Abraham Palatnik; o ator Paulo Gustavo; o bailarino e coreógrafo Ismael Ivo; os compositores Aldir Blanc, Ciro Pessoa, Nelson Sargento e Evaldo Gouveia; o escritor e crítico literário Alfredo Bosi; a maestrina Naomi Munakata; o músico e escritor Carlinhos Perdigão; o roteirista Geraldo Cavalcanti. Diante do cenário atual, muito inspirado no *hic et nunc*, são elaboradas obras para tentar abarcar o que os noticiários não dão conta de expressar. Para Lukács (1972, p. 268): “A grande missão histórico-universal da arte tem precisamente aqui suas raízes: a arte é capaz de elevar o latente ao presente, de emprestar ao que na realidade é silencioso uma inequívoca expressão, evocadora e compreensível.” Nos próximos parágrafos, trataremos do que está latente no presente, a compreensão do humano expressa em linguagens artísticas, florescendo o que mais imanente e antropomórfico o ser social é capaz de desenvolver.

O isolamento social, em tempos atuais, causado por um contágio global, leva-nos a recorrer à arte como fruição ou produção. Os que têm essa alternativa e acham prudente, isolados em casa devido à quarentena imposta pelo grande número de infectados e sem a alternativa de tratamento para todos, usam a arte - a exemplo da Itália, Espanha, França, Brasil e muitos outros países - como bloqueio contra o temor e a solidão; o reconhecimento enquanto ser social. Fotos e vídeos de pessoas improvisando apresentações musicais ao som de violão, violino, piano e muitos instrumentos, projeções da sétima arte, a literatura escrita e declamada, entre outras, puderam ser vistos em vídeos compartilhados na internet.

<sup>6</sup> Dados atualizados em 12 de julho de 2021.

*Inumeráveis*<sup>7</sup> é o nome do projeto criado pelo artista Edson Pavoni<sup>8</sup>, um memorial *on-line* dedicado a contar a história das vítimas da covid-19 no Brasil. Entes queridos preenchem um formulário onde relatam um pouco das pessoas que não estão mais neste plano terrestre. Dos inúmeros relatos, preenchidos com poesia e boas lembranças, selecionamos quatro que nos chamaram atenção pelo contato com a arte. Neles podemos identificar elementos do ser humano inteiro ao ser humano completamente.

Adalberto Álvares Almeida (1966-2020). O carnaval em pessoa. Amante das engrenagens que possibilitam o espetáculo do Carnaval, era na festa popular que Adalberto se inspirava para trazer alegria e diversão ao próximo e assim, somente assim, ser também feliz. [...] Uma outra paixão do paraense era o Clube do Remo. “Em todas as circunstâncias, o Leão do Norte era o melhor!”, lembra Luana Mattos Soares, sua esposa, que o define como “um ser humano espetacular”. Não há que se esperar outra coisa quando se trata do carnaval em pessoa. Adalberto nasceu em Belém (PA) e faleceu em Belém (PA), aos 53 anos, vítima do novo coronavírus. História revisada por Irion Martins, a partir do testemunho enviado pela esposa, Luana Mattos Soares, em 7 de maio de 2020.

Diva Thereza Stolf Simões (1934-2020). Pianista sublime, deixa um legado de amor e arte. Quando Diva tocava “*Clair de Lune*” no piano, uma pérola erudita do compositor Debussy, ninguém na sala ficava imune. O encantamento era completo. Diva nasceu em São Paulo (SP) e faleceu em Piracicaba (SP), aos 85 anos, vítima do novo coronavírus. História revisada por Ticiane Werneck, a partir do testemunho enviado pela neta, Isabella Simões, em 4 de maio de 2020.

George Laurence Kuplich Moraes (1952-2020). Caladão e com alma de artista. Um “fora da curva”, que pintava com tinta a óleo e esculpia em argila e madeira. George não precisava das palavras para se expressar. Introspectivo, ele comunicava ao mundo através de suas artes. Pintou, desenhou e moldou tudo quanto sentiu. Para os netos, Caio, Teodora e Daniel, construiu memórias divertidas com materiais recicláveis, que, a partir de suas mãos, viravam brinquedos. Singelos e cheios de amor, como ele costumava ser. [...] George nasceu em Porto Alegre (RS) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 68 anos, vítima do novo coronavírus. Testemunho enviado pela filha de George, Michelle Dedeski. Este tributo foi apurado por Michelly Lelis, editado por Gabriele Ramos Maciel, revisado por Lígia Franzin e moderado por Rayane Urani, em 26 de junho de 2020.

Hugo Dutra do Nascimento Silva (1994-2020). Sorria com o rosto e com o corpo através da dança. Era no entrelaçar dos braços e das pernas que Hugo se esbaldava. A música acompanhou o jovem de 25 anos durante toda a vida, coreografando seus passos e dando o tom dos seus encontros e desencontros. Um desses encontros, o da dança, começou com Hugo, ainda criança. Na época, ele chegava aos bailes de dança de salão com a mochila do colégio nas costas para acompanhar o pai,

<sup>7</sup> Disponível em: <https://inumeraveis.com.br>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>8</sup> Em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e os jornalistas e voluntários que continuamente adicionam histórias ao memorial.

que frequentava o espaço. O gosto pela dança seria inevitável. Fato que o tornou dançarino, professor de dança e DJ. [...] Hugo deixa um filho de 5 anos, recém-completados. Com suspeitas de ter se contaminado com o covid-19, o jovem demonstrou seu último ato de amor pela família, quando decidiu adiar a comemoração de aniversário do filho para quando ele estivesse em condições de festejar, sem o risco de transmitir o vírus para as pessoas que mais amava. Hugo nasceu e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 25 anos, vítima do novo coronavírus. Entrevista feita com familiares Márcio Antônio, Thiago Dutra e Fernanda de Castro, pela jornalista desta história, Anne da Silva Paiva, em 20 de maio de 2020. (INUMERÁVEIS, 2020).

Adalberto, Diva, George e Hugo, anônimos para a imensa maioria das pessoas, todavia se reconheceram enquanto humanos-sociais. Nos depoimentos, percebemos que puderam experimentar efeitos catárticos para eles e, muito possivelmente, para os outros que os rodeavam. Assim, a arte admite uma função no mundo dos seres sociais: libertar o latente.

Ribeiro (2020, p. 35-50), professor e artista, um exímio cordelista, atenta para o fato de uma pandemia se repetir na história da humanidade, recuperando, como poeta e mestre, referências essenciais para os seus leitores, de modo que estes tenham uma aguda compreensão dos fatos, além, é claro, do deleite da leitura:

Século XIV viu (1347-1353)  
Pandemia se espalhou.  
Europa devastaria  
Peste Negra se chamou,  
Em navios do oriente.  
O vírus insequente,  
Milhões, de vidas ceifou.  
(RIBEIRO, 2020, p. 50).

Centenas de italianos  
Na Espanha morrem mil.  
Mortes tristes, todo dia,  
Dos EUA até o Brasil.  
Contagia o mundo inteiro  
Um covid traiçoeiro.  
Primavera, mês de abril.  
(RIBEIRO, 2020, p. 33).

Desse modo, o complexo da arte se configura como modo de nos mantermos como humanos, de conscientização de que somos humanos. É desolador saber que muitas pessoas são privadas dessa primorosa forma de conscientização. No processo de autoconsciência pela arte, criam-se relações sociais verdadeiras diante desse abalo, e o ser social, nesse sentido, apesar de muitas contradições, não se iguala ao capitalismo. O complexo da arte pode, também, registrar a contradição, denunciar e perspectivar o devir de seu tempo histórico - no processo dialético do que já aconteceu, do agora e do que está no futuro -, fazendo com que o indivíduo se entenda partícipe do gênero humano.

Ademais, os artistas e, conseqüentemente, as obras, diante do impacto social vigente, provocam os espectadores, apontando incongruências, denun-

ciando, como, por exemplo, o grafite que representa o presidente sírio Bashar al-Assad como o próprio vírus da Covid-19. O trabalho pode ser visto na parede de uma escola destruída em Binnish, no bairro de Idlib, perto da fronteira com a Turquia (FIGURA 2).

Figura 2 – Fotografia de grafite



Fonte: Tito (2020).

O cartunista brasileiro Gilmar Machado também ilustra o momento histórico. Através de suas charges afiadas, o “cartunista das cavernas”, como é conhecido, expressa seu repúdio ao atual momento histórico. Através dos desenhos, aponta críticas sobre a negação da ciência, o total desprezo por medidas de segurança contra a covid-19, a irresponsabilidade dos administradores da saúde pública, a indignação a respeito de que pessoas não são apenas números, etc. Como forma de expor o seu trabalho, destacamos duas charges (FIGURA 3).

Figura 3 – Montagem com duas charges de Gilmar Machado



Fonte: Gilmar (2021).

No isolamento social do fatídico ano de 2020, que se estende por 2021, deparamo-nos com o documentário sobre o cineasta russo Andrei Tarkóvski, roteirizado por seu filho Andrey A. Tarkóvski, intitulado *Andrei Tarkóvski: uma oração de cinema* (2019). A película é dividida em oito capítulos e um epílogo. As memórias registradas em fotografias antigas e tomadas dos filmes do diretor remontam ao processo de criação do cineasta, sua vida, em grande parte narrado por ele próprio. O que nos pede maior atenção é a cena em que Tarkóvski, folheando um livro com gravuras de Leonardo Da Vinci, relata o que segue:

Sem artistas, não haveria sociedade. Por que o que é um artista? O artista é a consciência da sociedade. Quanto menos um artista puder se expressar, e, portanto, se comunicar com o público, com as pessoas, pior é para a sociedade. Ela se torna sem espírito, e o homem não é mais capaz de cumprir sua função, seu propósito na vida. (TARKÓVSKI, 2019).

A reflexão sobre a arte e os artistas conecta-se ao significado da própria existência humana. A arte autêntica consegue expressar, no instante agudo, pelo conteúdo e pela forma, a generalização humana na obra, do mundo criado pelo ser social e direcionado ao gênero humano. Os artistas, através de sua arte autêntica, logram exteriorizar “[...] tanto a vinculação do novo com as anteriores realizações da evolução da humanidade quanto sua diferença com tudo isso [...]”; e, ademais, “[...] tanto sua relação com a continuidade quanto sua referência à mudança de uma imagem do homem.” (LUKÁCS, 1967a, p. 123).

Os artistas vão conservando e cristalizando as autênticas obras de arte, diante da vida cotidiana, materializando, na própria arte, o devir da humanidade. O apreciador, no seu momento autoconsciente, aguça o fluxo da emoção autêntica, ao se deparar com a obra em si. O conhecimento cristalizado em conexões existentes mostrará ao receptor o caminho de compreensão do humano presente na obra de arte. É, nesse sentido, que entendemos ser importante abarcar a função formativo-educativa da arte.

Pesquisar o complexo da arte no contexto trágico de uma pandemia, a qual se estabelece nos efeitos colaterais da crise estrutural do capital – examinada por Mészáros (2006, 2011) nos níveis global, universal, não cíclica e rastejante –, é relevante para compreender que o atual estado das coisas compromete todos os complexos sociais. O Estado, maior mediador e agente do sistema de reprodução do capital, assume estratégias genocidas, de necroeconomia e necropolítica. A classe trabalhadora sofre com as mais diversas formas de precarização ocasionadas pela crise estrutural assente ao sistema capitalista, que reverbera no desemprego estrutural; nos crimes ambientais, que produzem epidemias e pandemias; na precarização, desregulamentação e flexibilização do (sub)emprego; na desigualdade extrema; no aumento da taxa de exploração, etc. Para a classe trabalhadora, à margem, “não tem sentido o mais belo espetáculo”. O efeito catártico produzido pela autêntica obra de arte é indiferente. Entretanto, entendemos que o capitalismo não é o fim da história. Mészáros (2006, p. 185, grifo do autor) relembra o seguinte:

Marx ressaltou que estamos lidando com fenômenos *históricos*: um estado de coisas desumanizado devido à alienação capitalista. Nessa

definição histórica concreta do problema ele pôde não só afirmar a possibilidade de transcender a desumanização capitalista dos sentidos, mas também, positivamente, identificar na “**emancipação** completa de todas as qualidades e sentidos humanos” a *raison d’être* do socialismo.

O filósofo húngaro, recuperando o legado marxiano, é categórico ao afirmar ser necessária outra forma social. Nos mesmos termos, Lukács (1967b, p. 559) considera que a forma social socialista pode suplantar os entraves que o capitalismo produziu, tendo em vista que o ser social não se iguala ao capitalismo:

Só assim o verdadeiro homem se torna sujeito de toda a vida humana, embora sem eliminar, naturalmente, a determinação social de sua existência. Pois embora o trabalho tenha feito o homem dominar – por muito tempo problemático e potencial – das forças naturais, por outro lado, o instrumento que ele mesmo produziu sem saber ou desejar, a sociedade o sujeitou ao seu domínio. Somente uma vez realizado o socialismo, é superada esta segunda dominação e se abre uma equilibrada e saudável relação do sujeito ao objeto entre os mundos interior e exterior do homem.

Nesse ponto, muitos de nós podemos nos questionar se outra forma social seria, de fato, provável. Não temos como ultrapassar barreiras de espaço e tempo para identificar outras formas sociais no futuro, mas a História revela as condições sociais estabelecidas. Desse modo, é plausível entender que o ser social pode criar mudanças a partir de suas necessidades e possibilidades. Marx (1985) deu alguns pressupostos para o alcance de um reino da liberdade, onde o ser social e a natureza se encontrem em total harmonia. Nas palavras do filósofo alemão:

O reino da liberdade só começa, de fato, onde cessa o trabalho determinado pela necessidade e pela adequação a finalidades externas; portanto, pela própria natureza da questão, isso transcende a esfera da produção material propriamente dita. Assim como o selvagem tem de lutar com a natureza para satisfazer suas necessidades, para manter e reproduzir sua vida, assim também o civilizado tem de fazê-lo, e tem de fazê-lo em todas as formas de sociedade e sob todos os modos de produção possíveis. Com seu desenvolvimento, amplia-se esse reino da necessidade natural, pois se ampliam as necessidades; mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças produtivas que as satisfazem. Nesse terreno, a liberdade só pode consistir em que o homem social, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a natureza, trazendo-o para seu controle comunitário, em vez de serem dominados por ele como se fora por uma força cega; que o façam com o mínimo emprego de forças e sob as condições mais dignas e adequadas à sua natureza humana. Mas este sempre continua a ser um reino da necessidade. Além dele é que começa o desenvolvimento das forças humanas, considerado como um fim em si mesmo, o verdadeiro reino da liberdade, mas que só pode florescer sobre aquele reino da necessidade como sua base. (MARX, 1985, p. 273).

O reino da liberdade só pode se estabelecer em outra forma social, que considere os indivíduos em todas as suas potencialidades. A possibilidade pode ser galgada, como bem explica Tonet (2012, p. 39), considerando que três condi-

ções necessárias se estabeleçam de modo articulado, quais sejam: “[...] uma teoria revolucionária, um sujeito revolucionário e uma situação revolucionária.” As contradições já estão escancaradas na ordem do dia. O motor da história ainda segue seu percurso.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos ser essencial uma sociabilidade em que houvesse, de fato, o tempo socialmente livre, de modo que os seres sociais tivessem a possibilidade de criar e fruir livremente. Isso ocorre apenas em uma sociedade verdadeiramente emancipada, como aponta uma grande referência nos estudos de Lukács:

[...] na sociedade comunista, onde cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode aperfeiçoar-se em todos os ramos que lhe agradam, a sociedade regula a produção geral e me confere, assim, a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar à tarde, à noite dedicar-me à criação de gado, criticar após o jantar, exatamente de acordo com a minha vontade, sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico. (MARX; ENGELS, 2011, p. 38).

Vivemos nesse tempo partido; em referência ao poeta Carlos Drummond de Andrade, devaneamos: como o complexo da arte está presente no nosso cotidiano? Como ele é essencial para a nossa existência? Em tempo de um vírus: o que o complexo da arte nos proporciona? O complexo da arte alcança a todos os seres sociais?

Irmãos, cantai esse mundo  
que não verei, mas virá  
um dia, dentro em mil anos,  
talvez mais... não tenho pressa.  
Um mundo enfim ordenado,  
uma pátria sem fronteiras,  
sem leis e regulamentos,  
uma terra sem bandeiras,  
sem igrejas nem quartéis,  
sem dor, sem febre, sem ouro,  
um jeito só de viver,  
mas nesse jeito a variedade,  
a multiplicidade toda  
que há dentro de cada um.  
(ANDRADE, 2012, p. 126-127).

Consideramos, nesse sentido, que o processo formativo da arte deve compreender os elementos que compõem o sensível, na apropriação da riqueza objetiva e subjetiva que abarca o complexo da arte. A função social da arte, no entendimento de sua gênese e estrutura, busca a apreensão da própria realidade objetiva. Ao esboçarmos o contexto histórico vivenciado, comprovamos o aspecto formativo dos sentidos humanos que a arte, por meio de suas variadas expressões, apresenta neste momento de pandemia. Entendemos que essa tragédia sanitária é produzida e potencializada por um sistema que não abarca, efetivamente,

as potencialidades humanas; assim, entendemos ser urgente outra forma de organização societal.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDREI Tarkóvski: uma oração de cinema. Produção: Lisa Widén. [Rússia]: Klepatski Production, 2019. 1 vídeo (97 min).
- CHARLEAUX, João Paulo. Do desdém ao medo: a dolorosa trajetória britânica na pandemia. *Nexo*, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/06/Do-desdém-ao-medo-a-dolorosa-trajetória-britânica-na-pandemia>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- GILMAR. *Brasil 2020 em charges*. Santo André: Ed. do autor, 2021.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INUMERÁVEIS. *Memorial*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br>. Acesso em: 10 set. 2020.
- LEONTIEV, Alexis. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Editora Moraes, 1978. p. 277-302.
- LUKÁCS, Georg. *Estética I: la peculiaridad de lo estético: categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético*. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1967a. v. 3.
- LUKÁCS, Georg. *Estética I: la peculiaridad de lo estético: cuestiones liminares de lo estético*. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1967b. v. 4.
- LUKÁCS, Georg. *Estética I: la peculiaridad de lo estético: problemas de la mimesis*. Traducción castellana de Manuel Sacristán. 2. ed. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1972. v. 2.
- MARX, Karl. *O capital: o processo global da produção capitalista*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. v. 3, tomo 2.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo editorial, 2011.

MUSEU DO PRADO. *O triunfo da morte*. Madri, 2020. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/el-triunfo-de-la-muerte/d3d82b0b-9bf2-4082-ab04-66ed53196ccc>. Acesso em: 27 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Programa Mundial de Alimentos*. 2019. Disponível em: <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000108378/download/>?. Acesso em: 12 jul. 2020.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Projeto político pedagógico e as instituições escolares. In: RIBEIRO, Luís Távora Furtado; RIBEIRO, Marco Aurélio de Patrício. *Temas educacionais: uma coletânea de artigos*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 120-131.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *A interdição do futuro no mundo em pedaços: educação e sociedade*. Curitiba: Appris Editora, 2019.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *Epidemias e pandemias do mundo em 130 estrofes de Cordel*. Marília: Caipora, 2020.

TITO, Fabio. Coronavírus: arte reflete impacto mundial da doença. *G1*, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/19/coronavirus-arte-reflete-impacto-mundial-da-doenca-fotos.ghtml>. Acesso em: 2. abr. 2020.

TONET, Ivo. *Sobre o socialismo*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

Recebido em: 12 jul. 2021.

Aceito em: 8 nov. 2021